

18o Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Religião, conflitos e questão de secularização

**Imaginário pentecostal e juventude: a socialização político-religiosa da  
jovem geração da Assembleia de Deus**

Morgane Laure Reina, Universidade de Brasília

## 1. Introdução: estudar o protestantismo evangélico no Brasil

As questões religiosas se tornaram um tema central das preocupações políticas e sociais no Brasil desde a crise do monopólio do catolicismo (Compagnon, 2006) e a emergência do pentecostalismo como uma religião capaz de responder aos problemas das classes populares e pauperizadas, que chegaram às cidades na época do êxodo rural dos anos 1950. A sua rápida expansão desde os anos 1960<sup>1</sup> interessa de perto as ciências sociais, que a partir dos anos 1970, iniciam o estudo do protestantismo evangélico, que congrega as vertentes do protestantismo histórico, do pentecostalismo e do neopentecostalismo. Os primeiros debates sobre o pentecostalismo questionam o seu conservadorismo, na medida em que ele é, por vezes, considerado como um vetor de modernização das sociedades latino-americanas – por ser capaz de diversificar o cenário religioso – ou qualificado como alienante frente ao caráter conservador e autoritário da sua teologia (Boyer, 2005, 3).

Esta diversificação do cenário religioso que surge com o pentecostalismo, só afirma a importância das organizações religiosas no Brasil, pois elas « (...) parecem capazes de informar e modelar os comportamentos e atitudes sociais das populações » (Bastian, 2001, 135). Ademais, a partir da Assembleia constituinte de 1986 e da criação da Bancada evangélica, se veem reforçados os laços estreitos que a religião mantém com a política, e reforçam o interesse dos pesquisadores contemporâneos que observam o lugar dos atores evangélicos na democracia, os seus valores, bem como o « imperialismo religioso »<sup>2</sup> no Congresso Nacional (Mariano, 2011; Oro, 2010; Bastian, 2001).

Deste modo, as relações entre religião e política vêm sendo muito estudadas a um nível institucional, sem dar conta de explicar o que mobiliza os indivíduos. Contudo, os fiéis evangélicos representam uma parcela da população importante para a configuração do jogo democrático no Brasil.

---

<sup>1</sup> Os evangélicos passam de 7,8% da população em 1960, a cerca de 25% nos dias atuais (IBGE, 2010)

<sup>2</sup> Expressão de Ricardo Mariano em uma entrevista do dia 6 março de 2015 para indicar o cada vez maior envolvimento dos evangélicos na política, e as trajetórias ascendentes destes últimos

Portanto, torna-se uma necessidade debruçar-se sobre as consequências do seu crescimento, principalmente em relação à construção dos valores e à formação dos fiéis, sobre tudo em momento de crise política e econômica. Por isso, propõe-se uma abordagem diferente para tratar do pentecostalismo: *da base para o topo*, para estudar a socialização e cultura política dos jovens fiéis evangélicos.

### **1.1 Definir o objeto de estudo: juventude, religião e política**

Para entender o fenômeno do protestantismo evangélico no Brasil e dar pistas sobre mudanças recentes, construímos o nosso objeto de estudo a partir do duplo passo metodológico de Charles Taylor em *Uma era secular* (2007): uma genealogia, uma historicização do processo de secularização no intuito de entender a composição psicológica, isto é, como as ideias chegaram à mente das pessoas. Ademais, a obra analisa em seguida as representações sociais mas, sobre tudo, em que medida levam à ação e a tomar decisões. Em outras palavras, o autor narra a composição da prevalência de um tipo ideal sobre outro, o jogo que molda as psiquês. Nesta perspectiva, a presente pesquisa propõe-se de estudar a socialização político-religiosa e a formação do imaginário e cultura políticos dos fiéis de 15 a 30 anos da Assembleia de Deus. Esta é a população que coloca a Igreja frente aos seus maiores desafios: lidar com a ascensão social e se expandir nas classes mais altas sem perder os fiéis das classes mais pobres. Com efeito, « ser um/uma jovem da Assembleia de Deus demanda, *a priori*, resistência ao "mundo" e uma permanente vigilância para com a fé e com os valores cristãos » (Alves, 2011, 1).

Para isso, pergunta-se qual é a capacidade estruturadora do imaginário pentecostal na vida social e política brasileira da jovem geração dos fiéis das Assembleias de Deus. Quais são os mecanismos de socialização mobilizados dentro da igreja para facilitar a aquisição de uma cultura política impregnada de religioso? De que maneira esses jovens se posicionam frente à instituição e a que meios e padrões de legitimação eles recorrem para justificar e renovar suas crenças? Para responder a essa problemática, parte-se do

pressuposto de uma imbricação entre as esfera da religião e da política. Essas questões também permitem fazer a junção de duas literaturas: uma perspectiva teórica crítica para estudar a socialização político-religiosa de jovens em um contexto pentecostal conservador e autoritário, e as ferramentas da sociologia compreensiva a fim de dar voz ao sentido que dão os jovens às suas crenças e às suas ações, o qual não pode ser descartado no cenário político brasileiro.

## **2. Modernização e secularismo no Brasil**

### **2.1 A especificidade da modernidade brasileira e a crescente pentecostalização<sup>3</sup>**

O processo brasileiro de modernização é ambíguo. Por muito tempo, ele foi caracterizado pela sua duplicidade, sua ficcionalidade. Ao mesmo tempo que houve, sim, a instauração de instituições modernas como o Estado de direito, o mercado livre, a livre imprensa entre outros atributos, tem-se a impressão que a modernidade não penetrou as pessoas (Figueiredo, 1995; Carreiro, 2001). No entanto, a discussão do contexto particular de emergência do espaço público por Paula Montero (2009) traz um debate heurístico sobre a modernidade brasileira. Para estudar o caso do Brasil, a autora contesta a teoria da secularização como pensada por Max Weber, particularmente o contexto moderno onde « o Estado se tornaria cada vez menos acessível aos processos de moralização e a religião (...) », onde a esfera civil deveria necessariamente ser pensada em termos de secularização (p.8). Com efeito, a autora nota, não somente que a religião não declinou mas que tampouco foi relegada ao mundo privado. Ao contrário, ela participou ativamente na construção e na gestão de um espaço público de debate. A antropóloga aponta para a insuficiência da teoria da racionalização de Max Weber para tratar da modernidade brasileira e de maneira geral, « para pensar os fenômenos da publicização das religiões na cena contemporânea » (p.9). O

---

<sup>3</sup> A análise a seguir é parte do artigo aceito para a publicação: REINA, Morgane L., O milagre pentecostal e a ciência: rumo à racionalização do discurso religioso?, **Quaerentibus. Teologia y ciencia**, 2017.

seu trabalho busca analisar as configurações específicas que as formas religiosas assumem no espaço público. Para esse propósito, a autora traz dois elementos: a distinção entre Estado, sociedade civil e esfera privada, segundo Habermas, e a mobilização política, que, ao nosso ver, mostram que a esfera pública no Brasil é resolutamente atravessada por um processo de modernidade. Primeiro,

Se considerarmos essa distinção habermasiana entre Estado/sociedade civil/esfera privada como fundadora da nossa modernidade, tal como sugere este autor, e a partir dela voltarmos nosso olhar para o modo como essa diferenciação se produziu historicamente no Brasil na passagem do século XIX para o século XX, poderemos (...) colocar em um novo patamar o debate sobre as relações entre o espaço público e a religião (Montero, 2009, 10).

A partir desta concepção, a separação do Estado e da Igreja como acontecimento moderno histórico, que ocorreu na Europa assim como no Brasil, teve consequências diferentes nas duas regiões. Na Europa, e particularmente na França, essa separação conduziu a uma relegação do religioso ao espaço privado e uma laicização ao extremo do Estado e do espaço público, em um contexto « de diferenciação das esferas político-econômico-científicas em relação à religiosa » (Montero, 2006, 48).

Ao contrário, no Brasil, a liberdade religiosa gerada pela separação Igreja/Estado desembocou em um pluralismo religioso que conquistou seu espaço e afirmou-se no momento da reconstituição democrática do Estado brasileiro. A separação da Igreja e do Estado levou à aceleração da concorrência entre as religiões que lutavam para o reconhecimento dos seus direitos e a consideração dos seus interesses, como o Estado havia feito para o catolicismo de maneira histórica. Ao longo desse processo, destacaram-se as novas correntes do protestantismo evangélico. A pluralização religiosa e o surgimento do pentecostalismo ao longo do século XX – e que se torna exponencial a partir dos anos 1970 – traz outro elemento que mostra que o Brasil é um Estado moderno. A autora mostra que, « Como sugere André Corten (1996), a própria ideia de "participação" que marcou o cenário da mobilização da sociedade civil a partir dos anos 1970 é uma categoria que pertence ao discurso teológico » (Montero, 2009, 10). Aqui, Corten aponta para a mobilização política dos indivíduos, incentivada pelas instituições

religiosas, como uma possível característica da modernidade. Desse modo, este exemplo mostra que houve, sim, um processo de modernização no Brasil, mas que se deu de maneira diferente do que na Europa.

É neste contexto teórico que autores que estudam as igrejas evangélicas no Brasil reconhecem a relevância da religião no Brasil contemporâneo e que desenvolveremos o nosso estudo:

O avanço do processo de pentecostalização do campo evangélico sugere, ante tudo, uma reafirmação da esfera religiosa como matriz de compreensão do mundo político, em contraste com a tendência moderna clássica de confinamento da religião no mundo privado (Smiderle, 2013, 75).

## **2.2 Religião e modos de subjetivação**

Como abordamos anteriormente, a modernidade não se trata somente de instituições. Interessamo-nos a como as ideias chegam à mente dos sujeitos e a partir das quais elas agem e tomam decisões. Para esse efeito, discutiremos os modos de subjetivação da pessoa, para os quais a religião representa uma matriz pertinente de compreensão do mundo. Para pensar a pluralidade de formas do ser no Brasil contemporâneo, Luis Cláudio Figueiredo (1995) trabalha com três noções: a de pessoas, a de meros indivíduos e a de sujeito. As pessoas seriam uma « modalidade pré-moderna de subjetivação [que] vivem gostosamente sob o império da heteronomia, encarnados e mundanos » (p.37). Por outro lado, o « sujeito e os meros indivíduos (...) configuram algumas das possibilidades modernas de subjetivação » (p.38). Apesar dos meros indivíduos terem uma autonomia limitada e discutível, a noção de sujeito revela uma certa independência, por ele já não ter mais necessariamente o lugar que lhe caiba de direito na sociedade. Ele encontra-se na posição de ter que constituir-se um lugar próprio e constitui-se em um ser moderno<sup>4</sup>. No entanto, dando relevância ao frescor dos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda e de Roberto DaMatta, o autor vai concluir que na realidade social, o Brasil vive muito mais a

---

<sup>4</sup> No entanto, no decorrer da pesquisa, usaremos a noção de sujeito como detentor de uma autonomia limitada e a noção de indivíduo como ser da modernidade.

experiência de uma sociedade orgânica e relacional composta por pessoas do que a do contexto individualista, sendo ele uma prerrogativa da modernidade.

Ademais, segundo a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, a racionalidade deve atingir todos os segmentos da sociedade, sendo eles a religião, as ações ou a cultura dos indivíduos. No entanto, no Brasil, a religiosidade permeia as mentalidades das pessoas, sendo ela intrinsecamente ligada à estrutura psíquica das faixas populacionais mais subalternas da sociedade, apesar do catolicismo nunca ter sido uma instituição totalizante. Se processou no campo religioso que fez com que a mentalidade religiosa da sociedade, principalmente nas classes populares, resguardasse e mantivesse determinados elementos, como por exemplo às práticas mágicas, consideradas pré-modernas. Estas continuaram praticamente as mesmas do século XVII. É como se simplesmente o mundo moderno não tivesse chegado no campo religioso para uma grande parcela da sociedade, apesar de ter chegado muito antes para outra. (Carreiro, 2001, 234)

Sem negar o processo de modernização no Brasil, ele é caracterizado pela sua duplicidade, sua ficcionalidade. Houve sim a instauração de instituições modernas como o Estado de direito, o mercado livre, a livre imprensa entre outros atributos, mas os dois autores mencionados acima consideram que a modernidade não penetrou as pessoas, que continuam com as mesmas crenças e práticas do que na era pré-moderna.

### **3. Perspectivas teóricas sobre as relações entre religião, juventude e socialização política**

#### **3.1 O desafio institucional da socialização do sujeito pentecostal**

Recorremos a esta perspectiva das relações entre o religioso e o político para abordar, em segundo lugar, a socialização política dos jovens fiéis da Assembleia de Deus. A instituição e a convivência com outros membros da comunidade eclesial então assumem um papel importante na formação do caráter do fiel, segundo a noção de Erich Fromm (1972). A abordagem

construtivista de Berger e Luckmann (2012) define a socialização como uma « instalação constante e completa do indivíduo no interior do mundo objetivo de uma sociedade ou de um seu setor » (p.215). Neste sentido, podemos entender a igreja como um mundo objetivo e uma instância de socialização e de transmissão de normas e valores a serem respeitados. Assim, a instituição participa no processo de interiorização de « mecanismos de aquisição de valores políticos e comportamentos frente ao voto e às instituições representativas » (Fillieule, 2012, 346) por parte dos seus membros que, em outras palavras, traduz-se pela socialização política dos fiéis. Partindo dessa hipótese, insistimos sobre a tese de Yves Deloye (2002) – parte da literatura que pensa a imbricação dos regimes político e religioso – a qual estabelece que a socialização política ocorre conjuntamente com a socialização religiosa. No seu estudo sobre a socialização na Igreja católica chamado « catéchismes augmentés », o autor se esforça a « avaliar a contribuição da Igreja católica na politização da sociedade francesa, apreciar seu trabalho na definição de um repertório de ação política em afinidade com a ética católica » (p.179). Esta literatura vê um verdadeiro desafio político na adesão a uma crença na medida em que implica uma relação de domínio e dependência entre a instituição que transmite e o indivíduo que recebe, e a homogeneização religiosa e política de um grupo. É neste sentido que Deloye define a socialização como a « integração do indivíduo a uma comunidade religiosa que informa de maneira prioritária, o conjunto dos seus sentimentos e atitudes » (p.185).

Por outro lado, o estudo da socialização dos fiéis através da teorização da personalidade autoritária de Theodor Adorno e al. (1950) pode levar a considerar a igreja como um meio catalisador à formação de indivíduos intolerantes. Com efeito, o imaginário pentecostal clássico distingue as igrejas modernas, liberais, das igrejas sérias, que respeitam as verdadeiras determinações bíblicas e exige dos membros que se submetam a uma fé profunda sem discutir os princípios, os quais são importantes marcadores de um pensamento autoritário. Ademais, a Assembleia de Deus foi primeiramente formada por populações rurais rapidamente levadas a uma vida urbana e em situação de marginalização (Antoniazzi, 1994: 82). Ao



pensar o êxodo rural na Argélia, Bourdieu (1964) vê na confrontação das diferenças entre o campo e a cidade « um retorno reflexivo sobre a existência anterior » que pode levar, frente à consciência e a revolta comum contra a miséria (p.123-134) a um fechamento defensivo da personalidade, o qual pode ter afinidades com o autoritarismo. Com efeito, além de responder às necessidades materiais, ele é capaz de reestruturar a anomia pessoal dos indivíduos desorientados recém chegados na cidade, segundo Beatriz Muniz de Souza (1969), pelo imaginário rígido que propõe. Assim, a adesão ao pentecostalismo se torna um verdadeiro desafio socializatório na medida em que então implica uma relação de domínio e dependência entre a instituição que transmite e o indivíduo que recebe, que adere a « modelos de pensamento e ação (...) já preparados e fornecidos (...) [e que] agem por sua vez no sentido de influenciar essa cultura como se fossem as ideias do próprio povo » (Horkheimer, 2010: 158).

Portanto, segundo os modos de subjetivação e a análise da socialização que se dá na igreja, supomos que estamos frente a fiéis *porosos*, conceito teológico pensado por Charles Taylor para definir a relação das pessoas à religião no contexto de um mundo encantado. Contudo, este estudo sobre juventude é orientado por um questionamento referente aos diferentes graus do pano de fundo: como se articulam crenças encantadas e crenças desencantadas na mente dos fiéis evangélicos?

### **3.2 Individualização e sociologia compreensiva**

Com efeito, apesar do ethos autoritário do pentecostalismo ter perdurado ao longo do século XX, essa abordagem institucional deixa pouco espaço ao fiel. A abordagem da base para o topo solicitada por este projeto de pesquisa convida a repensar as relações entre a Igreja e os seus fiéis, o poder do sujeito: qual seu grau de *individualização*? Na sua análise genealógica do processo de secularização, Charles Taylor (2007) destaca vários motivos que originaram uma mudança nas mentalidades. A partir do século XVI, o Estado – que apoia o desenvolvimento das ciências e das artes, massifica o ideal de civilidade e cria métodos e procedimentos para assegurar a disciplina na

sociedade –, teve um papel importante na formação de indivíduos defendidos: o tipo ideal do integrante de uma sociedade desencantada e secularizada. O autor também mostra o papel da transformação da religião. Com a ajuda do conceito de *individuação* no momento da Reforma protestante, ele descreve a formação de um indivíduo que se forma pelas responsabilidades individuais que tem que assumir frente à morte. Com efeito, frente a formulação de uma teologia da salvação e do julgamento, a pessoa se torna consciente das suas ações.

Apesar da rigidez de um protestantismo evangélico autoritário e o processo de modernização, houve, segundo Paul Freston, uma diversificação em termos sociais no pentecostalismo a partir dos anos 1990, que vê gravitar pessoas em ascensão social, mais educados e de classe média emergente, capazes de formular novos anseios e uma nova reflexão (Antoniazzi, 1994: 92-93). Além do mais, a juventude é a população mais suscetível à constituição de indivíduos e que remete a uma tensão entre juventude e instituição. Com efeito, os jovens evangélicos vêm interiorizando os valores pentecostais desde a infância, mas embora reafirmem sua adesão à religião, mostram-se críticos quanto à instituição (Reina, 2017), aparecendo como os mais capazes de levar a cabo o processo de individualização. Portanto, trata-se de averiguar qual é a verdadeira influência da instituição na socialização dos fiéis.

Em oposição ao mundo do Atlântico Norte estudado por Taylor, no Brasil, a magia continuou existindo e o protestantismo evangélico consegue reutilizá-la. Ao mesmo tempo que as instituições evangélicas demonizam de maneira feroz a herança cultural e religiosa africana assim como elementos de catolicismo popular, elas reutilizam marcos interpretativos mágicos sua transformação, sua ressignificação (Oro, 1997: 26-27). Neste sentido, a magia é reconhecida mas precisa ser superada simbolicamente: os líderes evangélicos se adaptam às forças encantadoras do Brasil para ultrapassá-las. Neste caso, a partir da obra de Taylor, poderíamos fazer a hipótese da formação de um indivíduo defendido exclusivamente pela religião – pelo esforço de superação da magia das instituições evangélicas – e não pela instauração de uma sociedade disciplinar na qual o Estado teria um papel de

grande importância. Usando o mesmo conceito de *individuação*, aplicado ao contexto latinoamericano, a análise de Patrick Michel e Jesús García-Ruiz (2012) permite pensar que o

(...) indivíduo não (...) provém do processo moderno de emergência do sujeito autônomo, que resulta da emancipação das lógicas comunitárias que o travavam. A individuação contemporânea certamente se prevalece, no modo da legitimação, da individualização moderna. No entanto, ela se diferencia fortemente. Com efeito, mais do que um indivíduo autônomo, a individuação contemporânea mira produzir indivíduos aderindo a formas comunitárias renovadas (...). Esta individuação não resulta de um processo unívoco. Ela se situa (...) na interseção de uma lógica coerciva e de outra voluntarista, a primeira não esgotando a segunda (p.38).

Neste sentido, sem desconsiderar uma forte submissão à instituição, a « (...) ação deve ser significativamente compreendida e dessa forma ser causalmente explicada no seu curso e nos seus efeitos » (Weber, 1921). Os conceitos sociológicos fundamentais da sociologia compreensiva de Weber permitem não ter uma leitura determinante da socialização de um indivíduo capaz de produzir sentido para suas atitudes e crenças. Como o afirma Schluchter (2014), « Weber remete-nos ao "mais" que está disponível para uma ciência da ação em comparação com uma ciência de fenômenos naturais carentes de sentido. Esse "mais" resulta do fato de que o motivo, ao mesmo tempo justificativa e motivação, pode ser analisado como causa » (p.202). Essa visão permite pensar que a cultura dos fiéis, que decorre da socialização política operada na igreja, pode ser considerada como uma « reserva de repertórios usados » que ajudaram o indivíduo a construir suas próprias « estratégias de ação » (Swidler, 1986: 273).

#### **4. Hipóteses centrais**

Nesta perspectiva, várias hipóteses guiarão esta pesquisa. A **primeira hipótese** reside na emancipação dos jovens crentes. A ascensão social combinada à frequência de mundos diversificados – como o ensino superior por exemplo – conduzem a supor uma individualização dos jovens, ao mesmo tempo que mantêm uma forte ligação com a instituição. Se a

socialização religiosa permite adicionar um conteúdo religioso às opiniões políticas, uma **segunda hipótese** consistirá em supor novos meios da nova geração para justificar as crenças assim como legitimar decisões políticas tais como uma racionalização científica do discurso religioso. Por fim, supõe-se, em uma **terceira hipótese**, que a cultura religiosa evangélica não leva a uma afiliação partidária ou uma cultura política coerente. Apesar do denominador comum, a igreja – cujo peso sempre foi considerado importante, presume-se uma falta de homogeneidade na cultura política e nos meios de ação política.

#### **4.1 Objetivos gerais**

Considerando as hipóteses formuladas, o primeiro objetivo geral desta pesquisa é estudar a imbricação dos regimes religioso e político, a partir de uma abordagem *da base para o topo*. O segundo objetivo geral é estudar o peso da religião como matriz pertinente para ler e compreender o mundo e as transformações do seu significado, para a jovem geração de fiéis.

#### **4.2 Objetivos específicos**

Tomando as hipóteses centrais e objetivos gerais, o primeiro objetivo específico consistirá em estudar os mecanismos de socialização mobilizados na igreja que permitem a aquisição de uma grelha de leitura da realidade. O segundo objetivo específico consistirá em analisar o posicionamento dos jovens fiéis frente à instituição, estudar a sua relação com o pastor, as suas formas de legitimar ou não a instituição e as justificativas das suas crenças. Por fim, o terceiro objetivo específico buscará explorar o repertório, principalmente do divino, ao qual os jovens membros da Assembleia de Deus recorrem para justificar suas opiniões políticas.

### **5. Dados e metodologia**

Para cumprir os objetivos desta pesquisa, o olhar sobre a religião deverá se desfazer da herança preconceituosa do Iluminismo, primeiro, e do funcionalismo-marxismo, segundo. Apesar das ciências sociais se

interessarem de novo pela religião desde os anos 1970, a postura científica que considera, de maneira condescendente, a religião como uma ilusão, permaneceu. Nesse sentido, voltarei às perspectivas de Émile Durkheim e Sigmund Freud que leem as sociedades como resultado da associação de entes emocionais e veem na religião uma sinalização coerente e constitutiva do social. Por sua vez, Durkheim observa, através dos desejos delirantes, através das crenças, uma verdade. No estudo de *As Formas elementares da vida religiosa* (1912), o autor se interessa pela verdade da religião e, sobre tudo, como ela capacita o indivíduo. Na mesma linha, Sigmund Freud, no seu estudo *Totem e tabu* (1913), concebe a religião como a forma simbólica que formaliza – através da sua aptidão normativa – as contradições do indivíduos, a sua vida pulsionada. Deste modo, os autores procedem a uma positivação dos símbolos sem desprezar a realidade e o poder da religião.

A metodologia desta pesquisa baseia-se em uma combinação de exploração de dados quantitativos e métodos qualitativos. Em primeiro lugar, serão usados dados do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (censos 2000, 2005 e 2010), do Estudo Eleitoral Brasileiro e resultados de pesquisas quantitativas já realizadas (Bohn, 2004, Carreiro, 2011) para (pre)estabelecer um perfil sócio-político dos fiéis da Assembleia de Deus que pertencem à faixa etária dos 15-30 anos. Ademais, a fim de assegurar uma representação do mundo pentecostal, será escolhida, entre todas as denominações, a igreja histórica Assembleia de Deus mas que passou por vários processos de mudança. É a igreja evangélica mais representativa que congrega 12'000'000, ou seja, cerca de 40% dos fiéis evangélicos (IBGE, 2010). Em segundo lugar, a exploração desses dados será aprofundada por uma etnografia em várias igrejas do Distrito Federal e que recorrerá a várias técnicas de métodos qualitativos. Para verificar a diversidade de valores entre membros jovens de raças, gênero, posições geográficas, econômicas e sociais diferenciadas, apesar do fundo teológico comum, a pesquisa deveria ser desenvolvida entre igrejas do Plano Piloto e de outros setores administrativos do Distrito Federal. A ideia consistiria em estudar uma igreja em formação, em processo de institucionalização a fim de observar com mais facilidade as estratégias de socialização postas em prática. Segundo a metodologia de Émile Durkheim

(1912) que estudou a religião primitiva para entender o papel da religião na sociedade do século XIX, pretendemos estudar igrejas em formação, em processo de institucionalização para entender o que ocorreu na Assembleia de Deus que tem mais de cem anos.

Primeiro, a técnica da observação participante será solicitada. Apesar do sociólogo buscar *“uma certa coerência entre os valores do indivíduo e sua ação (...) ele (...) se vê rapidamente confrontado a um ator que não faz sistematicamente o que ele diz que faz”* (WELLER, 1994). Na sua perspectiva, a observação pode ser um bom meio de captar as diferenças, os desvios que existem entre o discurso e a prática e entender que não são necessariamente contraditórios. Assim, para começar a pesquisa, serão realizadas observações participantes em vários contextos tais como cultos, escolas dominicais, missões, reuniões fora da igreja, etc., a fim de compreender e aproximar-se das práticas dos fiéis. Segundo, a técnica da entrevista semi-diretiva também será utilizada. A fim de compreender e analisar a socialização e a cultura política dos jovens fiéis, elas serão construídas em torno da trajetória dos fiéis, da sua relação com o pastor e das suas opiniões. As perguntas das entrevistas visando a estudar a cultura política dos fiéis serão voltadas aos debates de sociedade que afetam e tocam o imaginário pentecostal: o aborto, o uso de droga, o casamento igualitário, a redução da maioria penal, etc., a fim de mobilizar « o repertório religioso [que] intervém para justificar uma tomada de posição » (Zambiras, 2014, 34). Serão preparadas graças a seguintes fontes : a literatura, questões morais tratadas pelo Congresso Nacional (<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/>), a documentação do sites da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil. Finalmente, a técnica da « fotovoz » (Melleiro, Gualda, 2005) também parece um bom método para fazer surgir olhares e perspectivas que não necessariamente surgem durante as entrevistas, por ser um público um pouco difícil de acesso e que tem dificuldade para superar o discurso da fé.

## 6. Observações finais

Através do estudo da socialização político-religiosa, espera-se analisar, como já foi dito, primeiro, a atitude dos jovens fiéis frente à instituição: sua eventual emancipação e as novas formas de justificar suas crenças, e segundo, a sua cultura política impregnada de religioso: opiniões e argumentos aos quais recorrem para tratar de debates públicos como o aborto, o casamento igualitário, a política partidária, etc. Mas para abrir as perspectivas, pode-se dizer que, apesar de situada no contexto social e político brasileiro, esta pesquisa espera alcançar respostas empíricas para questões mais amplas. Por um lado, a pesquisa pode ajudar a pensar o fundamentalismo na política de maneira global, a partir da experiência no Brasil. E, por outro lado, lembrando o modelo de Robert Bellah (1964) e seu tipo-ideal de religiosidade moderna, como aquela em que o sujeito não pode mais *fixar* sua busca de sentido em nada, esta pesquisa pode ajudar a averiguar « o que é a religião? » – que continua uma questão mal delimitada teoricamente – e, « em que a religião está se transformando, hoje em dia? ».

## 7. Bibliografia

ADORNO, Theodor W. ; FRENKEL-BRUNSWIK, **Else** ; **LEVINSON, Daniel J.** ; **SANFORD, R. Nevitt.** **The Authoritarian Personality.** New York : Science Editions, 1950.

ALENCAR, Gideon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus - 1911-2011.** Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

ALVES, Maria Fátima Paz. Juventude pentecostal: identidade, ambivalências, conflitos e transgressões. **XVI Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina,** 2011

ANTONIAZZI, Alberto (org.). **Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BASTIAN, Jean-Pierre. Pluralisation religieuse, pouvoir politique et société en Amérique latine. **Pouvoirs**, n. 98, p.135-146, 2001/3.

BELLAH, Robert. "Religious Evolution". **American Sociological Review**, Vol. 29, n°3, p.358-374, 1964.

BERGER, Peter. "A dessecularização do mundo: uma visão global". **Religião e Sociedade**, n°21(1), p.9-24. Rio de Janeiro: 2000.

BOHN, Simone R., Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opin. Publica**, Vol 10, n°2, Campinas Oct. 2004.

BOLTANSKI, Luc. **La Condition fœtale**: Une sociologie de l'engendrement et de l'avortement. Paris: Gallimard, 2004.

BOURDIEU, Pierre (1966). **O Desencantamento do Mundo**: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais, São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Éditions de Minuit, 1964.

CARREIRO, Gamaliel. Evangélicos Urbanos: de pedreiro a classe média emergente - Um novo perfil sociológico dos evangélicos brasileiros. **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR)

COMPAGNON, Olivier. À la recherche du temps perdu... Jean-Paul II et l'Amérique latine. In: Polymnia Z. (dir.), **Amérique latine 2006**, Paris: **La Documentation française**, 2006.

COULMONT, Jean-Baptiste. "Que Dieu vous bénisse!" Le mariage religieux des couples du même sexe aux États-Unie. **Thèse de Doctorat**. Paris: EHESS, 2003.

DELOYE, Yves. Socialisation religieuse et comportement électoral en France. L'affaire des "catéchisme augmentés" (19e-20e siècles). **Revue française de Science politique**. 52e année, n. 2-3, p.179-199, 2002.

DURKHEIM, Émile [1912]. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.



- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed., São Paulo: Globo, 2006.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio Mendonça. **Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos**. São Paulo: Escuta e Educ, 1995.
- FILLIEULE, Olivier. Postface Travail, famille, politisation , in SAINSAULIEU Ivan et SURDEZ Muriel, **Sens politiques du travail**. Paris, Armand Colin/Recherches, 2012
- FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**: cours au Collège de France. Paris: Gallimard/Seuil, 1977-1978.
- FROMM, Erich (1947). **Análise do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- HORKHEIMER, Max (1946). **O Eclipse da Razão**. São Paulo : Centauro Editora, 2010.
- LÖWY Michael. Le concept d'affinité élective chez Max Weber. **Archives de sciences sociales des religions** [En ligne], juillet - septembre 2004, 127, p.100: <http://assr.revues.org/1055>. Acessado em: 10/06/2017
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARIE, Alain. Individualisation: entre communauté et société, l'avènement du sujet. In: Marie A. (éd.) **L'Afrique des individus**, Paris: Karthala, 1997.
- MARSHALL, Ruth. **Political Spiritualities**: The Pentecostal Revolution in Nigeria. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
- MICHEL, Patrick; GARCÍA-RUIZ, Jesús. **Et Dieu sous-traite le salut au marché**: L'action des mouvements évangéliques en Amérique latine. Paris: Armand Colin, 2012.

MONTERO, Paula. "Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil". **Novos Estudos**, nº74, 2006 (março).

MONTERO, Paula. "Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil". **Etnográfica** [Online], vol.13 (1)/2009, <http://etnografica.revues.org/1195>.

ORO, Ari Pedro. "Neopentecostais e Afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?". **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 1, nº1, novembro de 1997.

ORO, Ari Pedro. **Religião e política no Cone Sul**: Argentina, Brasil, Uruguay. São Paulo: Attar Editorial, 2007.

ORO, Ari Pedro. Ascension et déclin du pentecôtisme politique au Brésil. **Archives de sciences sociales des religions**, n. 149, p.151-168, 2010 janvier-mars.

PALARD, Jacques. Médiation et institution catholique. **Archives de sciences sociales des religions**, n. 133, p.9-26, 2006 janvier-mars.

REINA, Morgane L., O milagre pentecostal e a ciência: rumo à racionalização do discurso religioso?, **Quaerentibus. Teología y ciencia**, 2017 (aceito para a publicação).

SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

SEARLE, John. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia do mundo real. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. **Modernização à brasileira**: o tempero pentecostal da política nacional. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2013.

SOUZA, Jessé de. **A modernização seletiva**. Uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

SWIDLER, Ann. Culture in Action : Symbols and Strategies. **American Sociological Review**, vol. 51, n. 2, p.273-286, 1986 April.

TAYLOR, Charles. **A secular age**. Harvard University Press, 2007, 874pp.

WALD, Kenneth D.; OWEN Dennis E.; HILL Samuel S.. Churches as Political Communities. **The American Political Science Review**, vol. 82, n. 2, p.531-548, 1988 June.

WEBER, Max (1905). **L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme**. Paris: Pocket, 1994.

WEBER, Max (1921). **Économie et société 1 et 2**. Paris: Pocket, 1995.

ZAMBIRAS, Ariane. **La Politique inspirée**: Controverses publiques et religion aux États-Unis. Paris: Karthala, 2014.

ZAMBIRAS, Ariane; BAYART Jean-François (sous la direction de.). **La Cité culturelle**: Rendre à Dieu ce qui revient à César. Paris: Karthala, 2014.